



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## José Cardoso Pires: O Burro em Pé (capa)

Para citar este documento / To cite this document:

"José Cardoso Pires: O Burro em Pé (capa)", *Colóquio/Letras*, n.º 159/160, Jan. 2002, p. 307.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

intelectuais («ultrapassar a mesquinhez do tempo e cumprir o seu ofício de vanguarda, que é o de testemunhar e alertar para o futuro», p. 16-7) enquadra o retrato daquele que assina segundo a fórmula abreviada «Atto. Venor. e Obgdo» (p. 17), mas sem se submeter a um qualquer Vossa Excelência. O auto-retrato é, neste tempo, centrado na cidadania e na condição do artista como classe, manifestamente contra o regime opressor representado por Moreira Baptista. Os contornos mais pessoais da auto-imagem não fariam sentido para o Cardoso Pires desses anos de ditadura.

«E agora, José?», de 1977, tem também um contexto político, mas de contornos históricos completamente diferentes, como se torna claro pelas referências explícitas, desde a abertura do texto («Agora, aqui e ali, há sempre um José a fumar diante do espelho no país dos vinte capitães», p. 327) e passando pelo confronto entre o tempo da «Outra Senhora» e «agora», 1977, na ressaca do «arco-íris da madrugada aberto em cravo» (p. 328). A interrogação «E agora?» implica e desenvolve uma pausa reflexiva, um balanço entre o tempo anterior recuado, o passado próximo e a previsão do incerto futuro, com «José» inserido na História, sujeito dela e envolvido pelas circunstâncias que interpreta e sobre as quais toma posição. O *incipit* que já mencionámos diz, aliás, «um José»: por um lado, por remissão para o poema de 1942 «José», de Carlos Drummond de Andrade, citado em epígrafe e largamente glosado no texto de Cardoso Pires, que aí vai buscar o tom introspectivo do exame de consciência, fazendo desfilar passo a passo o filme deceptivo de uma «festa» que «acabou»; por outro lado, «um José» tem no texto vários equivalentes («Zé Ninguém», «John Doe», p. 329), e mesmo variantes («João Soldado, Mentido da Guerra», p. 330), nome de Todo-o-Mundo-e-Ninguém. Trata-se, numa primeira leitura, do nome raso e genérico de uma espécie, a do cidadão comum sujeito às circunstâncias; o José de apelido Cardoso Pires dilui-se neste retrato colectivo.

Consideremos a frase de abertura deste texto (citada no parágrafo precedente) pelo ângulo da criação de si enquanto imagem presentificada diante dos olhos: aí se mostra a particularização de «um José a fumar diante do espelho» em «eu» desdobrando-se em observador e observado, num plano recuado sobre o outro de si que no espelho ganha os contornos da «solidão dobrada» (p. 327), duplo do *eu* definido pelo «pensar em pleonasma de si próprio» (*ibid.*). A técnica que descrevemos atrás, e que consiste em proceder por amplificação e ilustração descritivas, aplica-se neste caso ao auto-retrato e à auto-análise, desenvolvendo meticulosamente todos os termos que se vão enunciando. Assim, temos o enumerar das operações de memória, recollecção de «mortos, exemplos» (*ibid.*), a que se juntam fragmentos do passado recente («o punho socialista: caramba já é só emblema», p. 328); depois, cada um destes tópicos, regidos pela disciplina necessária ao exame de consciência, vai sendo analisado — e aí ganham pleno peso a «solidão dobrada» e o «fechar-se

